

Morre a poeta
Lygia de Azeredo
Campos aos 92

PÁGINA 2



Pianista Adriano
Souza reverencia
legado de Tom

PÁGINA 3



Novo Coringa
causa furor meses
antes da estreia

PÁGINA 8



2º CADERNO



Daniel Ebendinger/Divulgação

A EEDMO oferece curso profissionalizante de dança para 250 alunos distribuídos do nível preliminar ao técnico

Uma fábrica de talentos

Escola Estadual de Dança Maria Olenewa completa 97 anos e festeja o aniversário com alunos e professores

Na semana em que é comemorado o Dia Internacional da Dança (29 de abril), a mais antiga e uma das principais escolas de dança clássica do país completa 97 anos de atividades ininterruptas, no dia 27 de abril. A festa será no próximo dia 26, na Sala Mário Tavares, que fica no prédio anexo do Theatro Municipal. Ao longo destes anos, a Escola Estadual de Dança Maria Olenewa formou milhares de bailarinos, coreógrafos, professores, profissionais e amantes da dança no país, que atuaram ou atuam em diversos teatros nacionais e até internacionais. Como por exemplo, os primeiros bailarinos do Theatro Municipal: Claudia Mota, Marcia Jaqueline, Juliana Valadao, Cícero Gomes, Aurea Hammerli e Nora Esteves, entre muitos outros grandes nomes da dança.

Dirigida por Hélio Bejani (Diretor Geral) e Paulo Melgaço (Vice-Diretor) a EEDMO, que per-

tence a Fundação Teatro Municipal, oferece curso profissionalizante de dança reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação. São em média 250 alunos distribuídos do nível preliminar ao técnico que cursam uma série de disciplinas como: ballet clássico, dança contemporânea, dança caráter, história da dança, terminologia, composição e improvisação, saúde e dança, música, comportamento e atitude na dança, noções de coreologia, teatro e dança.

Tudo isto, com o objetivo de formar bailarinos mais preparados para as exigências do mercado profissional e contribuir para a formação de seres humanos melhores, sensíveis, críticos e conscientes que farão da dança instrumento para ver o mundo com outras possibilidades. Assim, as aulas são diárias, com professores de excelência e grande experiência em suas áreas.

“É muito gratificante ser diretor da Escola e poder acompanhar o desenvolvimento técnico e artístico de nossos alunos. Eles completam o curso técnico, muitos fazem estágio e integram nossa Cia Trainne, a Cia BEMO e posteriormente ingressam no Corpo de Baille. Alguns chegam ao posto de solista e primeiro bailarino, cargos mais altos do ballet”, afirma Hélio Bejani, Diretor do Ballet do Theatro Municipal e da Escola e Estadual de Dança Maria Olenewa.

“O que mais me encanta em nossa escola é poder ver a diversidade, são alunos e alunas oriundos de diversas partes da cidade e cidades próximas, alguns de projetos sociais, de diferentes classes sociais, raça, tipos de escola. Com isso, poder ver que corpos negros e pobres estão conseguindo ocupar determinados espaços que há alguns anos eram inimagináveis, me deixa muito feliz” - ressalta Paulo Melgaço, Vice-Presidente e pesquisador da EEDMO.

SERVIÇO

EEDMO - 97 ANOS

Sala Mário Tavares – prédio anexo do Theatro Municipal (Av. Alm. Barroso, 14 - Centro) | 26/4, às 18h30 | Entrada franca

CORREIO CULTURAL

Nana Moraes/Divulgação



Teresa abrirá Fórum de Pessoas Afrodescendentes

Teresa Cristina canta em evento da ONU nesta terça em Genebra

Teresa Cristina vai se apresentar na Organização das Nações Unidas nesta próxima terça-feira (16). A artista vai abrir a cerimônia do Fórum Permanente de Pessoas Afrodescendentes.

O evento vai ser realizado no Palácio das Nações, em Genebra. Para a ocasião, ela escolheu cantar as músicas “Zé do Carço” e “Canto das Três Raças”.

A cerimônia tem como objetivo debater igualdade, direitos humanos e racismo com instituições de direitos humanos e representantes da sociedade civil.

“A emoção de representar o Brasil e levar o samba para todas as nações têm um poder muito grande”, disse em nota.

Fechado para obras

O Museu Lasar Segall, em São Paulo, foi fechado por tempo indeterminado para reformas, segundo uma nota nas redes sociais da instituição. O cinema que opera no espaço também está com as atividades suspensas, assim como a biblioteca.

Longa selecionado

“Baby”, segundo longa de Marcelo Caetano, foi selecionado para a 63ª Semana da Crítica, mostra paralela do Festival de Cannes, entre 14 e 25 de maio. “É um filme sobre a cumplicidade e a amizade em meio ao caos”, comenta o diretor.

Monge ativista

A Casa20 promove nesta terça (16) encontro com o monge e ativista Satish Kumar, em um debate sobre ecologia, economia e conflitos. O evento serve como um ponto de partida para questionar as mudanças necessárias na sociedade.

Oficinas

Nesta terça (16) a Associação dos Remanescentes do Quilombo de Baía Formosa promove seis oficinas para falar de Gastronomia, Artesanato e Dança. As ações acontecerão em duas Escolas Municipais Quilombolas de Armação dos Búzios.



As vivências de Lygia estão no centro de renovação da poesia brasileira nos anos 1950

Morre

Lygia de Azevedo Campos, aos 92

Poeta do grupo concretista era casada com Augusto de Campos

Morreu aos 92 anos, no último domingo (14), Lygia de Azevedo Campos, poeta e mulher do autor Augusto de Campos. Ela estava internada no hospital Samaritano, mas a família não confirmou a causa da morte.

Presença expressiva no grupo de poesia concreta, interlocutora e colaboradora de pesquisas de Augusto, teve uma produção poética bissexta e participou de revistas e exposições. Lygia foi sepultada nesta segunda-feira (15), no Cemitério do Araçá, após um velório com amigos e familiares.

Nascida em 15 de junho de 1931, no Rio, onde frequentou o curso de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Lygia acompanhou debates sobre poesia moderna e aproximou o poeta Ronaldo Azevedo, seu irmão, das

experiências do Grupo Noigandres de São Paulo.

Suas vivências estariam no centro da renovação da poesia brasileira no século 20. Em 1954, ela se casou com Augusto de Campos, no Rio. Sua irmã Ercila se casaria com o poeta, tradutor e ensaísta José Lino Grünwald.

Na plaquete “Passos e Expassos”, publicado pela Galileu Edições, em 2019, sua antologia organizada por Augusto e editada por Jardel Cavalcanti, ela expôs a relação intensa com a arte poética. “O ambiente em que vivenciei a poesia sempre foi o da poesia concreta e visual, em face do meu relacionamento profundo com os seus principais protagonistas brasileiros”, escreveu.

“Dentro desse contexto, as formas visuais que aparecem em alguns poemas surgiram espontaneamente da liberação sintática

das palavras, e me pareceram enriquecer os textos, propiciando leituras diversas. Por outro lado, em meus poemas, a grafia manuscrita, pessoal, traduz ao mesmo tempo essa vivência e a minha despreensão”.

A plaquete incorporou o poema “adormeço. mereço?/ meço as palavras. me-/ ço o tempo, envelheço”. Na revista “Código” nº 5, apareceu seu “poema-beijo para agosto”, de julho de 1979, no qual inscreveu no meio de uma marca de batom vermelho: “como foi/ como é/ como flor/ como amor/ como amiga/ como vida”.

Em 1953, ela foi a inspiradora do poema em cores “lygia fingers”, incorporado à série “Poetamenos”, de Augusto, seu então namorado. Posteriormente, o próprio Augusto gravaria a obra, e integraria o disco “Trem dos Condenados”, de Marcus Vinicius. O poema “ly”, da coletânea “Despoesia”, também foi dedicado a ela pelo marido.

Lygia chegou a integrar a exposição “Brazilian Visual Poetry”, com curadoria de Regina Vatter, no Mexic-Arte Museum em Austin, no estado americano do Texas, em 2002.

Lygia deixa seu marido, sua irmã Ercila, dois filhos, Roland e Cid, três netos, Julie, Theo e Raquel, e uma bisneta, Lara.

Nando Chagas/Divulgação

Nos 30 anos de sua morte, Tom Jobim segue inspirando músicos e trabalhos de sensibilidade como o álbum 'Adriano Souza Plays Jobim'

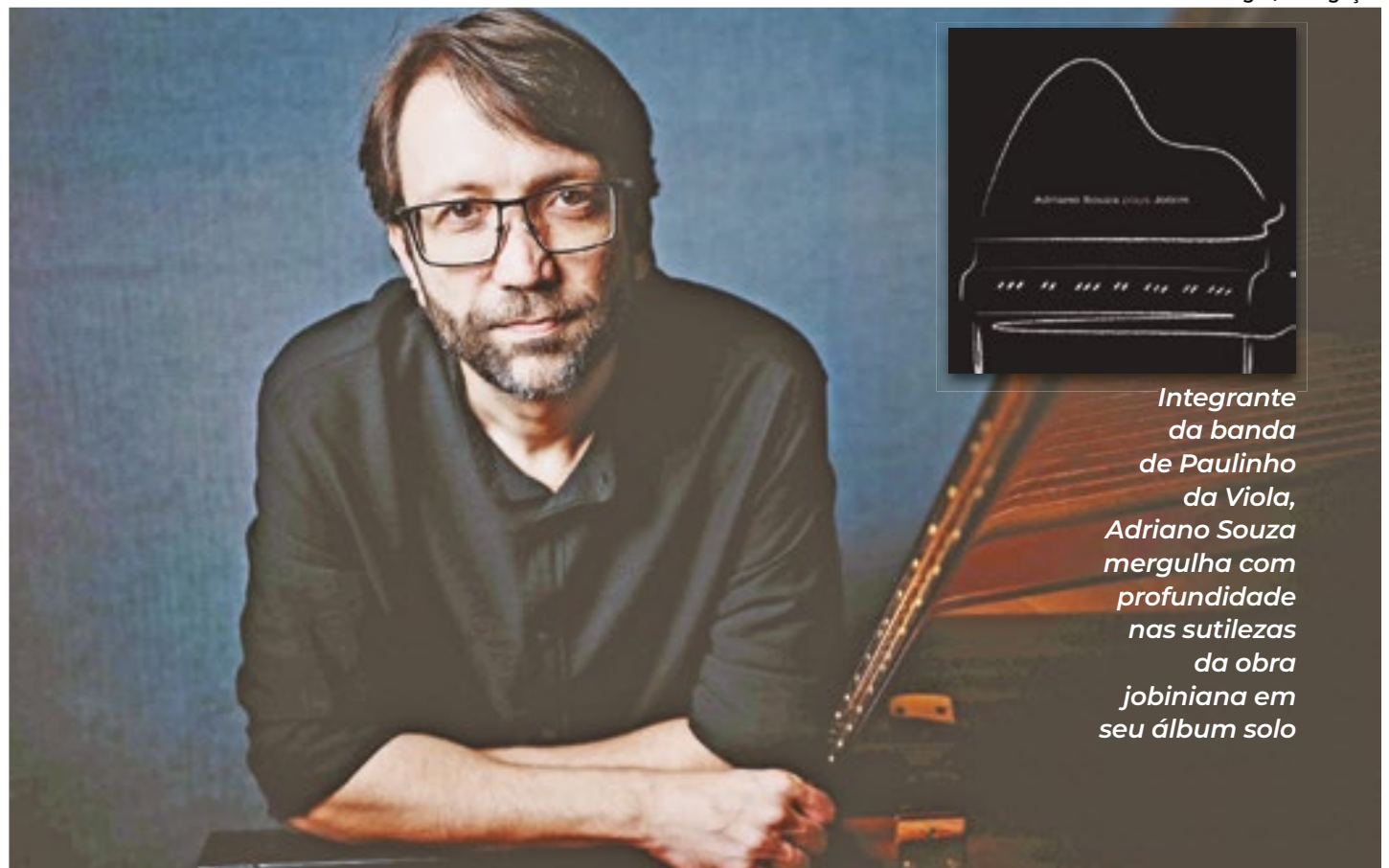
Inspiração para músicos e arranjadores no mundo todo, Tom Jobim (1927-1994) permanece vivo na produção musical dos dias de hoje. Em memória aos 30 anos de seu falecimento, o pianista Adriano Souza celebra a sua genialidade e importância em seu novo álbum "Adriano Souza plays Jobim", que chega às plataformas digitais no próximo dia 26, além de também ganhar formato físico em CD. O Correio ouviu o álbum com exclusividade.

Antecipado pelo lançamento de dois singles, "Lamento do Morro" e "Olha Maria", o trabalho foi produzido em parceria com a casa de espetáculos Soberano, em Itaipava, onde acontecerá o show de lançamento, no dia 11 de maio, com participação especial de Dori Caymmi.

Integrante da banda de Paulinho da Viola e do quarteto do saxofonista Mauro Senise, além de se apresentar regularmente com Roberto Menescal, com quem trabalha há 20 anos, Adriano Souza contou com a luxuosa participação, no novo álbum, do baterista Rafael Barata e do contrabaixista Guto Wirtti.

Em "Adriano Souza plays Jobim", o pianista reuniu oito músicas do maestro, tendo o piano como protagonista em meio a diferentes formações, desde a clássica formação jazzística de trio (piano, baixo e bateria) a outras como: piano solo, piano e percussão, piano e sopros, além da inserção de outros instrumentos de teclado como o órgão Hammond e o piano elétrico Fender Rhodes.

No repertório, alguns temas conhecidos e outros não tão explorados na música instrumental. Evidencia-se o encontro do Tom mais "clássico", presente em músicas como "Modinha", "Estrada Branca" e "Olha Maria" - dando ênfase à riqueza melódico-harmônica - com o Tom do samba e das harmonias mais simples, sobressaindo mais o aspecto rítmico, como em "Lamento no Morro" e "Captain Bacardi". "Suas melodias e harmonias são de uma riqueza imensurável e oferecem muitas possibilidades para arranjos e



Integrante da banda de Paulinho da Viola, Adriano Souza mergulha com profundidade nas sutilezas da obra jobiniana em seu álbum solo

Um tributo soberano ao maestro

improvisos", destaca Souza.

O álbum se inicia com "Estrada Branca", uma parceria com Vinicius de Moraes, pouco tocada e gravada nas formações instrumentais. Mesmo no repertório de intérpretes vocais, não costuma estar muito presente - aliás, sua primeira gravação foi com Elizeth Cardoso, no antológico disco "Canção do amor demais", todo com músicas da dupla Tom e Vinicius. No novo álbum, Adriano Souza propõe um arranjo inspirado na clássica formação de trio (piano, baixo e bateria), mais especificamente nos trios do pianista americano Bill Evans, com a exposição do tema em andamento mais lento, sem bateria, porém com levada de jazz em andamento médio no improviso.

Em "Chora coração", uma das obras jobinianas originadas de trilhas de filmes (que mais tarde ganhou letra de Vinicius) e gravada por ele em seu último álbum, o novo arranjo é de piano solo, quase como se fosse

uma grande introdução para a faixa seguinte, "Caminhos Cruzados". Composição em parceria com Newton Mendonça - único parceiro do Tom que também era pianista - a música, aqui, é gravada em trio piano, baixo e bateria, com influência do jazz europeu, uma mistura de balada jazz e bossa nova.

Parceria com Chico Buarque, "Piano na Mangueira" ganha uma versão de piano e percussão (surdo, tamborim, cuica e pandeiro), instrumentos característicos do samba, numa homenagem a esse ritmo tão marcante da nossa cultura. Na bossa nova, tão associada a Jobim, não é comum o uso desses instrumentos de percussão. "O objetivo foi unir esses dois universos, a partir de uma canção que, originalmente, é uma homenagem à Escola de Samba Mangueira", afirma Adriano.

Gravada por Elis no icônico disco "Elis e Tom", "Modinha" ganha um novo arranjo, explorando texturas com influência da música erudita. Além do piano, a faixa traz um

naípe de sopros (Clarone, flauta baixo, flauta e flugelhorn) com arranjo de Edu Neves. O início da parceria Tom e Vinicius é lembrado em "Lamento no Morro", agora com arranjo explorando o aspecto rítmico, com bateria, percussão (congas e frigideira) e um ostinato rítmico no grave feito por um órgão Hammond. Além do Hammond, foram usados mais dois instrumentos de teclado: o piano acústico e o piano elétrico Fender Rhodes.

Em versão de trio (piano, baixo e bateria), Adriano Souza resgata "Olha Maria", inserindo, no arranjo, uma citação a Chopin (Preludio Op.28 N.20), compositor que era inspiração para o maestro Tom Jobim. Inicialmente um tema instrumental chamado "Amparo", a música foi criada para a personagem de mesmo nome no filme *The Adventurers*, de Lewis Gilbert, 1969. Dessa mesma trilha também nasceu "Chovendo na roseira" que tinha o nome de *Children's Games* - as duas músicas apareceram no lendário álbum "Stone Flower" no ano seguinte e, depois, ganhou letra dividida entre Vinicius de Moraes e Chico Buarque, que gravou em 1971 em seu clássico álbum "Construção".

Homenagem de Tom ao seu cunhado Paulo "Bacardi", "Captain Bacardi" é a única do álbum que, originalmente, é um tema instrumental. Aqui, ganhou um arranjo de metais de Edu Neves, evocando uma atmosfera de samba jazz, com órgão Hammond e o piano elétrico Fender Rhodes, além de baixo, bateria e percussão.

Sopros de Carlos Malta movem o 'Trem Azul'

Versão instrumental do clássico de Lô Borges é uma prévia do álbum 'Pimentinha Sessions', uma homenagem à Elis Regina

Por Affonso Nunes

Esculpindo o vento com sua sonoridade, o saxofonista e flautista Carlos Malta prepara um álbum em que homenageia Elis Regina e seu eterno repertório de canções com versões instrumentais. O trabalho

em çançamento previsto para junho, mas está sendo antecipado com o lançamento do single "Trem Azul" nesta sexta-feira (19), que o Correio ouviu antes de chegar às plataformas digitais.

Inspirado nas nuances melódicas da canção de Lô Borges e Ronaldo Bastos, gravada por Elis em álbum homônimo de



André Garzuze/Divulgação

Carlos Malta se diz encantado pela faixa desde que a ouviu no álbum 'Clube da Esquina'

1980, Malta literalmente viaja pelo tema numa gravação de 11min42. O músico apresen-

ta o tema com a flauta e o trem segue com o piano de Antonio Fischer-Band e as variações rít-

micadas perpetradas pela cozinha formada por Giordano Gasperin (baixo) e Fofo Black (bateria). Com isso, Malta enverada por solos e improvisos que guiam o trem azul por novas paragens.

Multi-instrumentista, arranjador, compositor e educador, Malta relançou em janeiro o álbum "Pimenta" (2000) nas plataformas digitais. Agora, o projeto ganha sequência com "Pimentinha Sessions".

Ao justificar a escolha de "O Trem Azul" para o disco, Malta revela seu encanto pela canção desde a primeira vez que ouviu a canção no álbum "Clube da Esquina", de Milton Nascimento. "A melodia suave era convidativa para minha flauta, ainda principiante, e eu adorava tocar junto com o disco em casa. Sentia uma satisfação ao embarcar naquele som, e quando Elis gravou essa música, foi como uma confirmação sobre toda a beleza e força dessa canção", enfatiza o músico.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Relação de reviravoltas

"Quantas Histórias". Esse é o título da música que une Jotta R, Kevin O Chris e Lima, já disponível nas plataformas digitais e com clipe no Youtube. A canção, que traz uma instigante mistura entre o Afrobeat, Funk e R&B, marca oficialmente o lançamento do primeiro EP Visual de Jotta R, intitulado "Deixa Acontecer". Ao todo, o compilado reunirá cinco faixas, interligadas, incluindo a faixa-título. "Essa é uma música muito especial, ela fala sobre um casal com uma relação cheia de reviravoltas", conta o artista.

Divulgação



Divulgação

Sol e lua dançam

A cantora e compositora Marília Duarte se une a Leo Middea na envolvente "Negra Menina que Dança", que chega com um single e clipe via ybmusic. A faixa representa uma dança entre o sol e a lua, explorando os mistérios da noite de um modo apaixonado. "Acredito que esta canção sintetiza bem o disco que lançarei neste primeiro semestre, junto da qualidade sonora que ele traz. É como se fosse o recheio do bolo, mas pode ter certeza que esse bolo está cheio de surpresas", conta Marília, sobre o novo single.

Marcos Neves/Divulgação



Lembrando Paulo Diniz

Moisés Navarro lançou nas plataformas digitais o single "Vou-me Embora", releitura de uma das canções do saudoso cantor e compositor Paulo Diniz (1940-2022). Com seis anos de trajetória, Moisés Navarro é reconhecido por um timbre singular e sua habilidade em interpretar, com versões criativas, canções de artistas renomados como Gilberto Gil e Milton Nascimento. A capa do novo trabalho foi escolhida por votação em sua rede social, apresentando aos fãs três opções diferentes, e o designer gráfico Del Maia ficou responsável pela arte final, com fotografia de Ricardo Ricco.

Divulgação



'O Auto da Compadecida' ganha versão contemporânea e que evita sotaques nordestinos para demarcar a universalidade do texto de Ariano Suassuna

AIn Cena Casa de Artes e Produções leva de volta aos palcos cariocas o espetáculo “O Auto da Compadecida”, famoso texto de Ariano Suassuna (1927-2014), que já ganhou diversas montagens no teatro, no cinema e na TV. Com direção da dupla Claudia Ventura e Alexandre Dantas, a peça, que estreou em novembro do ano passado, apresenta uma versão contemporânea deste clássico da dramaturgia brasileira, escrito em 1955.

Primeira produção não-musical do curso “Prática de Montagem” da escola, o espetáculo terá uma curtíssima temporada, com sessões às sextas-feiras de abril, às 20h, no Teatro Cândido Mendes, em Ipanema.

Em “O Auto da Compadecida” somos transportados para o sertão nordestino com uma trupe de circo que recria um retrato abstrato da região. Através das incríveis aventuras e confusões dos conhecidos e amados personagens João Grilo, o típico anti-herói brasileiro, e Chicó, seu fiel escudeiro, a peça aborda temas como a religiosidade popular, corrupção e desigualdade social, sempre com um tom de humor,

Um clássico de volta à cidade

Com direção de Claudia Ventura e Alexandre Nunes, montagem do ‘Auto da Compadecida’ é a primeira produção não-musical de curso da In Cena

ironia e irreverência característicos da obra de Suassuna.

Apesar de fiel ao texto, esta não é uma montagem com elementos caricaturais do Nordeste, onde a história se passa. Para narrar as trapaças e artimanhas dos protagonistas, os diretores optaram por uma encenação focada no ator e na palavra, isto é, criada a partir da relação do elenco com a obra. “O grande diferencial nesta montagem é a inspiração nas origens do circo-teatro. O elenco é uma trupe, um grupo de contadores, que chega ali para se divertir e contar essa história, sem cair no óbvio. Quisemos trazer uma encenação diferente que toque e fique nas pessoas”, diz Claudia.

A ausência do sotaque foi uma das escolhas da direção, assim como o cenário e o figurino, que foram trabalhados sem muitos elementos que remetessem diretamente e/ou sublinhassem as características regionais. “O Ariano é tão genial que a estrutura das frases já evoca esse espaço físico nordestino. Por isso, não precisa ter o sotaque, o padre com a batina. Apenas evocamos esses elementos”, explica Claudia. Segundo ela, a ideia é induzir que cada pessoa na plateia imagine o seu próprio cenário através da palavra, da manipulação dos objetos e do jogo de cena corporal. “A imagem do que está sendo construída em cena só termina na cabeça de quem está assistindo”, conclui.

Outra preocupação dos diretores foi tentar manter a originalidade do texto de Suassuna, mas suprimindo aspectos datados, que não cabem mais ser replicados. “Estamos falando de um texto de 1955 e isso nos fez deparar com falas machistas, de um discurso patriarcal que está desatualizado. Nesses casos, optamos por suprimir algumas falas, mas sem perder a piada, claro”, explica Alexandre. O mesmo foi pensado para as cenas de violência, mas, dessa vez, o artifício foi se apoiar no humor. “Outro ponto que nos deparamos foi com a quantidade de mortes. Resolvemos, então, ir na direção do humor, pra palhaçaria e teatralidade, buscando suavizar essa violência presente na trama”, diz.

A montagem conta com 21 atores, entre profissionais e iniciantes, que fazem parte do curso de “Prática de Montagem” da In Cena. Nele, os alunos aprendem todas as etapas de produção de um espetáculo até sua estreia oficial no teatro. Divididos em comissões, cada grupo se responsabiliza por uma área (figurino, cenário, divulgação, produção, entre outros), o que faz com que saiam da formação com uma visão geral do que é fazer teatro para além da atuação.

Esta é a sexta Prática de Montagem que a In Cena apresentou em menos de três anos de funcionamento. Além de “O Auto da Compadecida”, a escola montou “Fame”, “Annie – o musical”, “Legalmente Loira”, “Escola do Rock” e “Nas Alturas”, além da produção original “Poema”, a primeira profissional da escola, vencedora na categoria “Roteiro Original” do prêmio Musical Rio. Já “Escola do Rock” recebeu seis indicações ao prêmio, levando três deles: Melhor Ator com Pedro Balu; Melhor Atriz Revelação com Malu Coimbra; e Melhor Prática de Montagem.

SERVIÇO

O AUTO DA COMPADECIDA
Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema)
Até 26/4, sextas-feiras (20h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Cinema para quem precisa de cinema; cultura para quem precisa de cultura

Museu da Maré inicia nesta terça parceria que leva filmes para exibição gratuita na comunidade

Tamires Nascimento/Divulgação



Cavi Borges (esq), Cláudia Rose Ribeiro da Silva, coordenadora geral do Museu da Maré, e Pedro Monteiro

Com o objetivo de ampliar o acesso dos moradores do Complexo da Maré à arte e à cultura, o Espaço de Cinema Cavideo abre as portas nesta terça-feira (16), no Museu da Maré, com programação gratuita que inclui exibições de filmes durante quatro meses (sempre às terças e quintas-feiras e em datas extras a serem anunciadas), debates, e oficinas.

Os filmes exibidos serão escolhidos entre os mais de 350 disponíveis do acervo da Cavideo, que nasceu como locadora, em 1997, e hoje é uma produtora de obras audiovisuais dirigida por Cavi Borges. Entre os filmes selecionados, estarão “Cidade de Deus – 10 anos depois”, de Cavi Borges; “Distração de Ivan”, de Gustavo Melo e Cavi Borges; “L.A.P.A.”, de Emilio Domingos e Cavi Borges, entre outros. Depois do fim do projeto, em agosto, todo o equipamento adquirido para a abertura do espaço de exibição (projektor, computador, telão e aparelhagem de som) será doado para a continuidade do trabalho.

Uma vez por mês, haverá debate com um convidado após a sessão, com nomes como Neville de Almeida, Luciano Vidigal, Marcus Faustini, e uma oficina de como realizar e produzir filmes, ministrada por Cavi Borges, para até 30 jovens da comunidade durante dois meses. Haverá também sessões com tradução em Libras, audiodescrição e capacitação da equipe do projeto para se relacionar com o público com deficiência auditiva e visual.

Na primeira semana, serão exibidos os filmes “Jango”, de Silvio Tendler; “O que é isso, companheiro?”, de Bruno Barreto; “Várias Vidas de Joana”, de Cavi Borges e Abelardo de Carvalho, “Manhã Cinzenta”, de Olney São Paulo; “Zuzu Angel”, de Sérgio Rezende; e “Torre das Donzelas”, de Susanna Lira.

“O projeto nasceu da vontade de fomentar a cultura na região, mas também da minha memória afetiva da educação que recebi nas escolas municipais e estadual onde estudei. Sou formado no ensino médio pelo colégio estadual Amaro Cavalcanti, no Largo do Ma-

chado, aqui no Rio de Janeiro. O meu interesse pelas artes nasceu a partir de atividades na sala de aula ou nas iniciativas culturais públicas que frequentei. Assim, comecei a construir o adulto que sou”, lembra Pedro Monteiro, um dos idealizadores da iniciativa.

Durante seus 27 anos de atividades, a Cavideo tem contribuição fundamental para o fomento do cinema nacional, e firmou inúmeras parcerias com espaços de projeção na cidade, como o Nós do Morro, no Vidigal; a Arteiros, na Cidade de Deus; Cinema de Guerrilha da Baixada, em São João de Meriti; Subúrbio em Transe, em Vista Alegre, entre outros.

“Queremos ampliar o acesso dos moradores da Maré ao cinema, mas também organizar debates que gerem reflexões artísticas, políticas e sociais sobre os temas tratados nos filmes. A gente sempre teve essa vontade de estar em vários lugares do Rio, a diversidade é a marca registrada da Cavideo. Vamos apresentar para a comunidade da Maré filmes feitos no Vidigal, na Cidade de Deus, na Rocinha. Diferentes espaços da cidade também vão nessa ocupação”, comenta Cavi. “Vamos levar para lá nossa experiência não só de produção, mas também de distribuição, de exibições em cineclubes. Esse trabalho que a gente já desenvolve há 27 anos”, conclui o diretor.

SERVIÇO

ESPAÇO DE CINEMA CAVIDEO
Museu da Maré (Av. Guilherme Maxwell, 26)

De 16/4 a 8/8, às terças e quintas-feiras (14h)

16/4: “Jango” (1984), de Silvio Tendler, às 14h, e “O Que É Isso, Companheiro?” (1997), de Bruno Barreto, às 16h30
18/4: Mostra de curtas, com “Várias Vidas de Joana”, de Cavi Borges e Abelardo de Carvalho, e “Manhã Cinzenta”, de Olney São Paulo, às 14h; “Zuzu Angel”, de Sérgio Rezende, às 15h; e “Torre das Donzelas”, de Susanna Lira, às 19h

Programação completa no Instagram @espacodecinemacavideo

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao longo de 50 anos de uma das carreiras mais cultuadas de todo o cinema europeu, o espanhol Victor Erice dirigiu apenas quatro longas-metragens: o seminal “O Espírito da Colmeia” (1973); “O Sul” (1983); “O Sol do Marmelo” (1992); e, no ano passado, “Cerrar Los Ojos”. O último da lista virou um aríete que vem lhe abrindo caminhos – e lhe rendendo uma série de láureas – desde sua projeção na mostra *Première de Cannes*, em maio passado.

Na ocasião, o diretor de 83 anos irritou-se por ter sido escalado para uma mostra que não lhe dava acesso à competição pela Palma de Ouro. Mesmo assim, firmou-se como objeto de culto no mundo todo. Entrou na lista dos Dez Mais da revista “*Cahiers du Cinéma*”, *Bíblia da cinefilia* desde 1951, e acaba de ser contemplado com o prêmio *Sophia*, votado pela crítica portuguesa.

Muito antes de Pedro Almodóvar aparecer, ali pelo início da década de 1970, num momento de jugo franquista, Carlos Saura (1932-2023) era “O” motor de resistência para o cinema autoral ibérico até a aparição de “O Espírito da Colmeia” (Concha de Ouro de 1973 no Festival de San Sebastián).

Nele, Erice ritualizou as inquietações da educação sentimental infantil de uma forma a um só tempo lúdica e política. Deu à sua Espanha natal uma obra-prima e reciclou o conceito de lirismo de uma Europa que se reinventava em múltiplas latitudes ainda sob o eco das agitações de 1968. Levou dez anos para fazer “O Sul” e mais nove até chegar ao belíssimo “O Sol do Marmelo” (1992), que ganhou o Prêmio do Júri de Cannes.

Desde então, restringiu-se aos curtas-metragens e ao ofício de ministrar palestras. Foi assim até “*Cerrar Los Ojos*”, um filme que soa como um testamento, um adeus e um “para sempre”. Nas primeiras imagens, vemos um embate entre um ancião rico, que deseja rever sua



José Coronado é o ator que some nas filmagens de ‘*Cerrar los Ojos*’

Um filme para escancarar mentes

Inédito no Brasil, ‘*Cerrar Los Ojos*’ ganha prêmio *Sophia*, dado pela crítica ibérica, e se firma como um estadarte do cinema metafísico de Victor Erice

filha, e um homem sem ocupações que é transformado em detetive. Não é da vontade dele virar um caçador de paradeiros, mas será seu

destino, a fim de encontrar uma jovem chinesa que há de chamar o ancião de pai. Mas esse quiproquó não é o tema central de “*Cerrar Los Ojos*” e, sim, um filme dentro do filme. A partir dele, Erice engatilha uma reflexão sobre a finitude.

Talvez seja o mais sereno estudo sobre o fim desde “*Ran*” (1985). Erice não parece temer a Morte. Parece espera-la, com calma. Já no título, “fechar os olhos”, o realizador transforma em verbo (de ação) uma perspectiva de desolamento e uma (triste) impressão em relação ao futuro do cinema. É hora de descer a persiana do olhar, uma vez que o audiovisual parece inundado de algoritmos e de simulacros. Contudo, o gesto de “encerrar as atividades”, tradu-

zido por palavras na epiderme da narrativa fílmica de um já octogênario Erice parece mais escancarar possibilidades de futuro, num paradoxo.

Soa como um “sair de cena” para um cineasta que filmou pouco. Mas, para sair de cena, ele nos dá um exercício de contemplação do Tempo, e da própria arte em que militou, que bate nas telas com dimensão de espetáculo. Sua montagem mesmerizante é capaz de descascar camadas de sentido das situações mais corriqueiras. A câmara do diretor de fotografia Valentín Álvarez flana por coloquialidades, trivialidades, como a pintura de uma parede, numa tarde de sol. Mas o gesto do pincel sob um muro, a espalhar tinta, ganha uma

tessitura plástica incomum quando encarada por um Erice sedento por degustar os sentidos que as cores podem ter no écran. O mesmo se passa com as palavras, quando ouvimos: “Desaparecer... A ideia de mudar de identidade é refazer a vida em outro sítio”.

É esse o estopim do enredo de Erice, ao seguir os passos de Miguel Garay (Manolo Solo, em atuação devastadora), um ex-cineasta. Ele virou escritor e hoje vive como tradutor, com a dor de saber que seu segundo e último filme foi interrompido há 22 anos. A interrupção se deu quando o astro e melhor amigo, Julio Arenas (Jose Coronado), desapareceu sem deixar vestígios. Duas décadas depois, as TVs falam desse desaparecimento, num programa de cunho policialesco. Garay se compadece não do filme inacabado, mas daquilo que deixou de ser... ou seja... de uma amizade que acabou sem um adeus, ou, pior do que isso, sem um abraço. Em busca desse abraço partido, o personagem de Solo vai enveredar por uma espiral de sentimentos – alguns duros demais. Destaca-se no elenco o trabalho de Mario Pardo como Max, um projecionista e colecionador de películas e pôsteres.

Por **Rodrigo Fonseca**

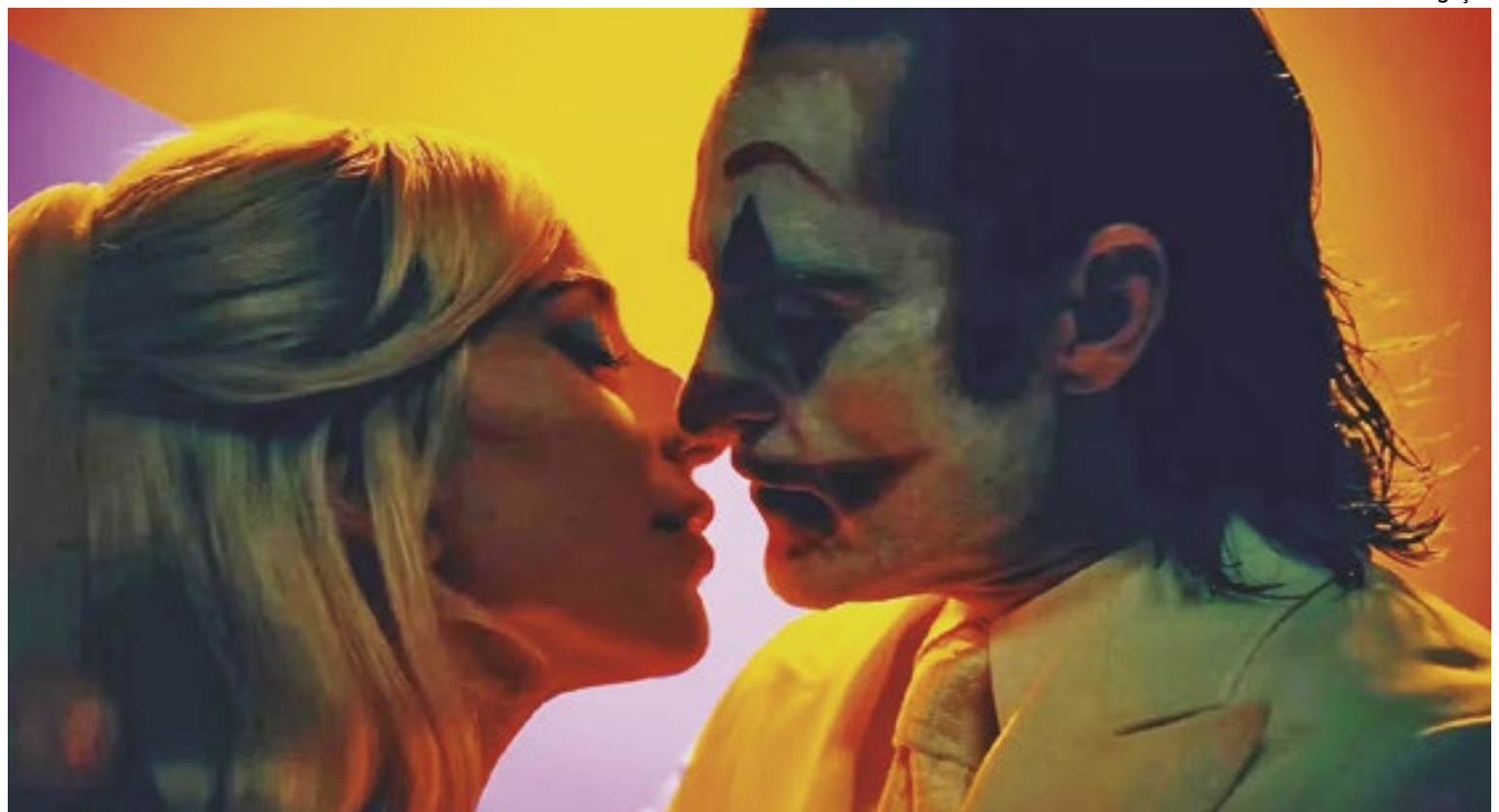
Especial para o Correio da Manhã

Nos últimos seis dias, desde que o trailer de “Coringa: Delírio a Dois” (“Joker: Folie à Deux”) se aboletou no YouTube, ninguém fala mais dos 85 anos de Batman, pois o Palhaço do Crime roubou os holofotes de seu inimigo mascarado. Lady Gaga tem culpa nisso, pois ela assume o papel da Dra. Harley Quinzel, a Arlequina, outrora encarnada por Margot Robbie. Joaquin Phoenix ganhou o Oscar por sua atuação como o psicótico personagem lançado em 25 de abril de 1940 por Jerry Robinson, em triangulação com Bob Kane e Bill Finger.

O filme anterior desse assassino circense conquistou ainda o Leão de Ouro do Festival de Veneza de 2019, de um júri presidido por Lucrecia Martel. Orçado em US\$ 55 milhões, o longa-metragem – hoje na grade da plataforma MAX, ex-HBO – faturou US\$ 1 bilhão e 78 milhões mundo adentro. Espera-se o mesmo dessa partr dois, agendada para estrear no dia 4 de outubro e centrada na paixão de Harley por Arthur Fleck (Phoenix) e seu desejo de enlouquecer tanto quanto ele.

A forte repercussão dos primeiros reclames publicitários da produção da Warner Bros., com direção de Todd Phillips, vem ampliando o público leitor das HQs do vilão, lançadas aqui pela Panini Comics. É o caso da saga “O Homem Que Parou De Rir”, assinada pelos artistas gráficos Matthew Rosenberg e Carmine Di Giandomenico e centrada numa onda de caos nos EUA, com foco em Gotham City. Ampliou-se ainda a procura pela série de mangás do Coringa.

Expandiu-se ainda a corrida pelo filme de Phillips no MAX. Nele, dois longas-metragens estão em cartaz na Gotham City em que Arthur Fleck, um aspirante a Jerry Lewis de beira de esquina, transforma-se num estandarte do pavor vestido de palhaço: “Um tiro na noite” (“Blow out”), de Brian De Palma, e “As duas faces



‘Joker: Folia à Deeux’, com Lady Gaga e Joaquin Phoenix, mexe com o público meses antes de sua estreia

O palhaço rouba a cena

Em meio à comemoração dos 85 anos do Batman, novo filme do Coringa, com Lady Gaga no papel de Arlequina, assalta os holofotes do pop e amplia as vendas dos gibis do vilão

de Zorro” (“Zorro, the gay blade”), com o Didi Mocó George Hamilton. São indícios de que estamos no ano de 1981, momento histórico no qual o filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) passa o pop (sobretudo o dos EUA) em revista para entender o

que seus colegas Arnold Toynbee e Jean-François Lyotard chamaram de Modernidade Tardia, ou, para os íntimos, pós-modernidade, um animal de plumas, com hidrofobia terminal. Esse tal de pós-modernidade é a gênese do Coringa que Joaquin Phoenix

divinamente constrói... algo bem diferente do retrato do vilão de HQs composto por Jerry Robinson em 1940... e bem distante do retrato camp, afetadíssimo, dele feito pelo ator Cesar Romero no seriado do Homem-Morcego para a TV, nos anos 1960. Ali tínhamos o Moderno... algo calçado por um tratado, um paradigma, um manifesto... no caso, a noção de que o Bem vence o Mal e espanta o temporal. No “Coringa” que comemora cinco anos de seu lançamento não há embasamentos éticos metidos a estéticos. Há apenas sinais de desaparecimento, da atomização dos cintos de segurança ideológicos que mantinham as aparências de controle e de harmonia entre as civilizações. Agora, isso acabou, pela mesma lógica de que falava Baudrillard, nos anos 1980: “Deus não vai sumir pela escassez e sim pelo excesso, pela proliferação desmedida, pela reprodutibilidade”. A profecia do bruxo filósofo de “A transparência do Mal” deu em “Joker”, de Todd Phillips.

Na era Biden, o Deus da caridade, da inclusão, do respeito sumiu pelo uso vão de seu santo nome em programas de TV, de streaming, de terrorismo midiá-

tico. Deus aqui deve ser encarado como um sinônimo para “valores” de dignidade, do Humano. Valores que Fleck vai perdendo a cada cena da produção Warner Bros.

Há um lastro de glória (mas também de precipício) no Coringa dele. Dezesesseis anos depois de Christopher Nolan ter usado os quadrinhos para produzir a mais sombria alegoria sobre a era Bush e o desamparo moral do século XXI, em “Batman – O Cavaleiro das Trevas” (2008), o Yorick de Gotham City volta a aprontar das suas e nos dá o que pode ser definido como um estandarte do descontrole político, coroado com o Leão de Veneza. A vitória de “Coringa” no gosto e nas reflexões do júri chefiado por Lucrecia Martel, diretora de “Zama” (2017) e de “O Pântano” (2001), coroa um tipo de cinema pautado por uma artesanaria no limite da excelência. E coroa também o dito “cinema de gênero”, instância de diálogo direto com as plateias que troca o conceito pelo pragmatismo. Venceu um filão: o filme de HQs. O gênero hoje anda em baixa, mas o Coringa pode surrupiar as atenções de seus concorrentes e fazer dele uma febre de novo.